

# TALENTOS

20  
21



FENAE



APCEF

**ARTE**  
QUE TRANSFORMA

## Expediente

### Diretoria Executiva

Diretor-presidente:  
**Sérgio Takemoto**

Diretor vice-presidente:  
**Marcos Aurélio Saraiva Holanda**

Diretor de Administração e Finanças:  
**Clotário Cardoso**

Diretor de Comunicação e Imprensa:  
**Moacir Carneiro da Costa**

Diretor de Esportes:  
**Carlos Alberto Oliveira Lima (Caco)**

Diretor de Cultura:  
**Nílson Alexandre de Moura Júnior**

Diretor de Formação:  
**Jair Pedro Ferreira**

Diretora de Assuntos de Aposentados e Pensionistas:  
**Vera Lúcia Barbosa Leão**

Diretora de Saúde e Previdência:  
**Fabiana Cristina Meneguete Matheus**

Diretora de Políticas Sociais:  
**Rachel de Araújo Weber**

Diretora de Impacto Social:  
**Francisca de Assis Araújo Silva**

Diretora de Relações de Trabalho:  
**Rita de Cássia Santos Lima**

Diretor da Região Norte:  
**Jerry Fiusa dos Santos**

Diretora da Região Nordeste:  
**Paulo Roberto Massetti Moretti**

Diretor da Região Centro-Oeste:  
**José Herculano do Nascimento Neto (Bala)**

Diretor da Região Sudeste:  
**Dionísio Reis Siqueira**

Diretora da Região Sul:  
**Naiara Machado da Silva**

Gerente de Comunicação:  
**Lis Weingartner**

Gerencia de Relacionamento:  
**Gisele Mota**

Coordenação de conteúdo:  
**Cinara Lima**

Redação conteúdo:  
**Andrea Viegas, Pamela Santos, Junia Lara, Aline Baeza e Yuri Torres**

Edição:  
**Ana Luíza Victorino**

Fotos:  
**Augusto Coelho**

Equipe Talentos 2021:

**Alex Barbosa, Ana Luíza Victorino, Elaine Costa, Nayara Py, Vera Damascena, Vanessa Dantas, Samires Gonçalves, Yuri Torres**

Arte:  
**Lisarb Senna de Mello**

## Arte que transforma

A arte é uma ferramenta poderosa, capaz de transformar vidas, promovendo descobertas, alegria e encantamento. Em 2021, mais um ano em que o Brasil e o mundo continuaram enfrentando as dificuldades impostas pela crise sanitária e econômica, o Talentos Fenae/Apcef mostrou, novamente, como o incentivo às mais diversas expressões artísticas e culturais é fundamental para promover qualidade de vida.

Os empregados da Caixa, aposentados e pensionistas atenderam ao chamado da Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (Fenae) e das Associações do Pessoal da Caixa (Apcefs) e por meio do vídeo, da fotografia, da música, da pintura e do desenho registraram seus momentos de alegria, de arrebatamento e reflexões sobre o seu dia a dia e o que acontece a sua volta.

Pelo segundo ano consecutivo, o evento foi realizado de forma virtual. A sexta edição do concurso cultural teve mais de 1.870 obras inscritas em oito modalidades. Os artistas, associados das Apcefs, deram um show de criatividade, mostrando que vale a pena continuar acreditando na arte e na cultura como instrumento para promover o bem-estar das pessoas e construir uma sociedade mais humana e menos desigual.

Nesta publicação, vamos imergir nesse “mundo” que inspirou os participantes do Talentos Fenae/Apcef 2021 e conhecer as suas obras e depoimentos.



## **ÍNDICE**

<b>ARTES VISUAIS.....</b>	<b>Pág. 5</b>
<b>LITERATURA.....</b>	<b>Pág. 12</b>
<b>MÚSICA .....</b>	<b>Pág. 21</b>
<b>FOTO &amp; FILME .....</b>	<b>Pág. 28</b>
<b>FOTOS DO EVENTOS .....</b>	<b>Pág. 35</b>

## **Talentos 2021 e os 50 anos da Fenae**

Em 2021 a Fenae completou 50 anos de existência, a serviço do empregado Caixa e em defesa dos trabalhadores. Neste contexto, o Talentos Fenae e Apcefs, que desde 2016 reúne e divulga as várias formas de arte realizadas pelos empregados e seus dependentes, é a expressão da diversidade que marca a história da entidade.

A Fenae acredita no poder transformador da arte e incentiva a integração entre os colegas. Apesar de ter sido realizado, por mais um ano, de forma virtual, o Talentos Fenae/Apcefs 2021 foi um exemplo de integração, tanto em sua etapa estadual quanto na nacional. Mesmo quem não apresentou obras torceu, votou e ajudou a definir os ganhadores juntamente com os jurados de cada área.

A entidade tem a satisfação de promover esse encontro e ver que, a cada ano, a participação e a qualidade das obras aumentam. Temos a convicção de que as pessoas são múltiplas e seus interesses variados e, num momento tão delicado da humanidade, fazer e apreciar arte é uma forma de estarmos juntos, partilharmos afeto e amizade.

Que as obras reunidas aqui possam inspirar a cada um de nós, por mais 50 anos e mais, porque a arte transforma vidas e corações!



“O Talentos Fenae/Apcef 2021 celebrou o trabalho excepcional dos empregados da Caixa neste ano. Não há dúvidas que os empregados são fundamentais para esse país. Graças ao apoio das 27 Apcefs, conseguimos fazer esse evento em homenagem aos grandes talentos que temos na Caixa e em defesa do banco público. O acesso à cultura é vida e nos faz sonhar para construir um mundo mais justo e solidário. Parabéns a todos que participaram da 6ª edição do Talentos.”

Presidente da Fenae, **Sergio Takemoto**.



“A capacidade de produção cultural dos empregados da Caixa é surpreendente e o Talentos é a janela para que essas produções possam ganhar vida. Em mais um ano de pandemia, vimos que os empregados participaram ativamente do Talentos e, para nós, da Fenae e das Apcefs, é um orgulho fazer esse evento para quem constrói a Caixa pública.”

Diretor de Formação da Fenae, **Jair Pedro Ferreira**



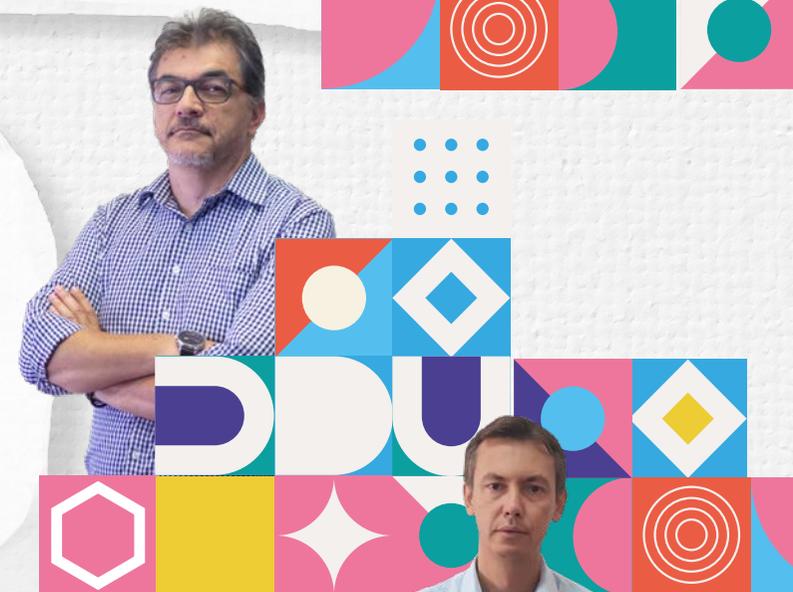
“É com muita satisfação que a Apcef/DF, como anfitriã, parabeniza a Fenae e todos os participantes do Talentos Fenae/Apcef 2021. Esperamos que em 2022 nós nos encontremos novamente, e de forma presencial, para comemorarmos mais uma edição deste grande evento.”

Presidente da Apcef/DF e diretor da região Centro-Oeste da Fenae, **José Herculano do Nascimento Neto (Bala)**



“O Talentos 2021 demonstrou que nós precisamos levar mais felicidade para as pessoas. Esse é um evento artístico que descobre dentro os empregados da Caixa - ativos e aposentados - grandes artistas. São qualidades que estão guardadas que no dia a dia de pessoas que trabalham com números, recursos financeiros, preocupações, buscando metas e elas têm muita arte e criatividade dentro de si. A Fenae cumpre um papel importante ao promover um evento como o Talentos, fazendo com que as pessoas pensem também no lúdico.”

Diretor Sociocultural da Fenae, **Nilson Moura**



“Foi muito acertada a decisão da Fenae e das Apcefs de manter o Talentos 2021. Mesmo no formato virtual, devido à pandemia, realizar o Talentos foi fundamental para oferecer um espaço para as diversas formas de expressões dos empregados da Caixa e que contribui para a qualidade de vida dos trabalhadores. Mais uma vez, mesmo no cenário adverso, houve uma excelente adesão dos nossos associados, com grandes obras, muita interação e torcida.”

Presidente do CDN e Presidente da APCEF/MS, **Jadir Fragas Garcia**



# Artes Visuais

Desenhar a vida, pintar o mundo e o sete, estimular nas crianças a alegria de criar. Esses são os objetivos do concurso de Desenho, Pintura e Desenho Infantil do Talentos, que, em sua edição de 2021, mostrou as cores e a diversidade do empregado Caixa e de sua família. Que as obras vencedoras inspirem a todos a apostar na criação e na arte como forma de expressão.





“Estou muito feliz com a conquista do Talentos 2021. Especialmente em momentos tão difíceis como os que estamos atravessando. Receber esse prêmio é um alento frente as dificuldades do dia a dia. Gostaria de agradecer a Fenae por organizar tão bem esse evento. Sabemos das dificuldades e do quão importante é promover a arte em tempos nebulosos.”

***Fabiano Ribeiro***



“Para mim, o Talentos é designação de cada uma das argolas que formam uma corrente. União ou relação construída entre colegas de trabalho; conexão; oportunidades e revelações. Ter conquistado o segundo lugar na etapa nacional foi um objetivo conquistado; interpretação lúdica de um sonho.”

**Lazio da Silva Quaresma**



“A aposentadoria chega para mim junto com a diminuição de autoestima, sentimento de perda de status, do companheirismo entre os colegas de trabalho, inutilidade etc. Para reverter esta situação, precisava mudar os meus hábitos e o Talentos Fenaef chegou como uma nova maneira de eu me mostrar ao “mundo”. Além de comemorar muito, a gente vai se reinventando e curtindo momentos especiais como estes.”

**Marise Pimenta de Paula**



“Foi minha primeira participação e fiquei tão feliz quando vi meu desenho na TV. Principalmente quando vi a minha pintura feita à mão, durante uma aula on-line de artes da minha escola. Tinham muitos desenhos bonitos e nunca imaginei que o meu seria o vencedor”

**Clara Beatriz Reis Lobão**



“Adorei ter participado e fiquei muito feliz em saber que o meu desenho foi visto no país todo! Gostei muito da organização do evento, e ver que as pessoas gostaram da minha arte, foi muito legal!”

**Samuel Lagares dos Santos**



“Eu amei participar desse concurso e gostei muito de quando eu recebi o meu troféu de primeiro lugar em São Paulo. Desta vez, eu adorei quando a Maria Paula apresentou meu desenho ao vivo e agora o meu troféu de terceiro lugar nacional vai estar ao lado do outro!”

**Mariana Garcia Prudêncio**

# Literatura

Dizer, em conto, crônica ou poesia o que vai no coração, dividir suas ideias e ideais. Escrever é a arte de emocionar com as palavras e o empregado Caixa mostrou que tem talento para dizer em prosa e verso e emocionar seus colegas em obras que surpreenderam pela qualidade e diversidade temática.



## (In) feliz Aniversário

**S**e o que estava sobre a mesa fosse um bolo de aniversário, esse bolo provavelmente estaria à espera de talheres de prata que o viessem partir. Mas aquilo não era um bolo de aniversário, cheio de camadas, com cobertura de creme e morangos vermelhos. Não tinha a pompa e a importância que têm os grandes bolos de aniversário. Sua única função, ali naquela cozinha, era servir de testemunha ao infortúnio de um homem...

Apesar de a noite estar estrelada - era uma típica noite de verão - as cortinas rudemente cerradas impediam qualquer luminosidade de invadir o apartamento.

Ali dentro, nada chamava atenção, tanto pela escuridão que se abatia sobre todos os cantos quanto pela falta de movimentos. O tempo, naquele lugar, estava parado. O tique-taque do relógio de parede servia como fundo musical, mas não marcava a passagem dos minutos. Na obscuridade total, a vida, bem como o tempo, estava parada. Ou melhor, não existia. Seja pela falta de brilho, seja pelo clima moribundo que fazia murchar as plantas secas num vaso esquecido no peitoril da janela, o que se dava era a total falta de felicidade.

Subitamente, o pesado silêncio é imolado por um sussurro. Algo infinitas vezes menor do que um bramido. Um diálogo que muito se assemelhava a um assobio, ao som do ar sendo expelido por lábios que não querem ser percebidos.

Aquele homem, sentado próximo à pequena mesa da cozinha, sussurrava palavras para que o silêncio as ouvisse. Ainda mais do que transparecer a intenção de ter sua voz notada, ele parecia simplesmente entregar-se ao vazio, curvando-se diante do nada. De seus lábios, o "Parabéns a Você" saía sem ritmo, muito mais rogado do que cantado.

Na cozinha, ao seu redor, não se encontrava coisa capaz de despertar o interesse. A pia, a geladeira e a mesa eram tudo o que ali havia.

Sobre a pia, louças amontoadas. Em outra situação, as panelas, pratos, copos, garfos e facas sujas poderiam denotar desleixo e falta de asseio. Naquela situação, porém, até mesmo por fazerem parte daquele cenário sem vida, simplesmente serviam de enfeite, agiam no intento de caracterizar o estado de ânimo de seu dono. A geladeira, mesmo vazia, teimava em continuar trabalhando, provavelmente esperando que alguém notasse sua utilidade e voltasse a enchê-la com alimentos conserváveis.

Embora cada um dos elementos daquela cozinha estivesse perfeitamente de acordo com o enredo que o envolvia, era a mesa a personagem principal. Sobre o tampo de madeira estava assentado o cruel destino daquele homem. Nada muito profético, nada muito bonito. Um simples destino sem glórias, solitário em seu infortúnio, criado pelas próprias mãos de um sujeito que por muito tempo havia alimentado ideias pouco belas. Alguém que decidira ser aquele o dia perfeito para pôr em efetivo os planos que apodreceram seu íntimo.

Esse dia tão esperado, o dia pelo qual tanto ansiara, era o dia de seu aniversário.

Portanto, se as cortinas estavam fechadas, o relógio embalava o silêncio e seus lábios cuspiam palavras sem a preocupação de serem ouvidos, nada mais justo a se fazer em seu favor do que dizer que aquela era exatamente a festa de aniversário que ele planejara.

Sobre a mesa, uma fatia de torta era voluptuosamente vigiada por uma mosca. Não era um bolo de aniversário, como se haveria de esperar. Era um simples pedaço de torta jogado sobre um prato de papelão. Não havia, dessa forma, esperança de que a massa e o recheio fossem varados por talheres de prata, servidos em pratos de porcelana chinesa e devorados por bocas trêmulas de fome. Sobre essa fatia não existiam velas coloridas, moldadas no formato de números.

“Viver a arte é uma experiência transformadora, ainda mais quando ela é expressa nas obras nascidas do talento ímpar de nossos colegas artistas. Participo do Talentos desde a edição de 2017 e em 2021 conquistei o 1º lugar na categoria Contos e Crônicas na etapa nacional. Hoje, mais do que nunca, sinto orgulho de fazer parte da história desse evento único!”

**Diego Ramon Vital**

Não se viam daquelas velas que, quando apagadas, tornam a acender. Havia ali um único palito de fósforo. Queimava solitário, aquele palito. Um pedaço de madeira que, tão logo aceso, prosseguia numa morte lenta e irrevogável. O palito, não esperando proporcionar alegrias, cumpria seu papel de forma fria e sem emoção. Ao lado do pratinho no qual a torta esperava a atenção de alguém, uma garrafa de cachaça, mais vazia do que cheia, brilhava à luz do fogo, grafando na parede sombras gigantescas. Mais à frente, como último elemento a compor o panorama, mais próximo ao homem, um copinho de boca larga e fundo grosso servia de amparo para o líquido transparente que preenchia seu interior.

O homem que cantava parabéns para si mesmo pensava na vida. Tinha parte do rosto iluminado pela luz do palito de fósforo aceso há não mais de dois instantes. Na parede às suas costas, a sombra projetada transformava-o numa figura digna de uma tragédia grega. Seu contorno baço encerrava dentro de suas linhas não o espírito impassível e nulo de um pensador, mas sim o teor abissal das lamúrias de um sofredor. Alheio aos desenhos de sombras formados por sobre os panos negros da escuridão da noite, o homem entregava-se a pensamentos tão vazios quanto escura era sua morada. Seu transe convertia num mantra as palavras que sua boca proferia. Vez ou outra ele fechava os olhos, esperando que tudo desaparecesse. Sua esperança não era atendida. Quando voltava a abri-los, lágrimas envergonhadas embebiavam suas órbitas. Ele tinha as pernas cruzadas e o corpo apoiado no encosto da cadeira. A cabeça, voltada para o chão, não tinha vontade de erguer.

Era seu aniversário e ele estava sozinho, da mesma forma como estivera toda sua vida. Dali a alguns minutos seus amigos poderiam começar a bater na porta. Mas ele não temia essa possibilidade. Ele não tinha amigos. E não havia convidado pessoa alguma para compartilhar a ocasião.

Sorumbático, enfadonho, triste, soturno... Qualquer adjetivo de caráter negativo que se lhe fosse aplicado não fugiria à verdade. Ele era tudo isso. Ele vivia seu aniversário dessa forma. Essa é uma idéia pesarosa de se conceber, mas é tudo o que existe de mais sincero.

Que comemoração poderia ser feita numa ocasião como aquela? O passar de mais um ano de vida não seria algo mais do que um tormento. Os dias seriam os mesmos – pois às noites eles sucedem, formando um ciclo que se repete e traz sempre os mesmos participantes. A obrigação de acordar todas as manhãs e se ver entregue a um universo de isolamento, sem amigos, sem companheiros, sem ninguém com quem se possa contar, ninguém por cujo amor se possa permitir ser docemente acalentado, transformaria sua existência num leito de mártírios. Valeria a pena viver desse modo?

Para muitos, assim como para ele, não.

Dessa forma, quando terminou de recitar sua canção de aniversário, depois de confraternizar-se com o lado obscuro de seu ser e receber os cumprimentos da parte negra de sua consciência, enquanto o fogo chegava ao fim do palito, quase tocando a superfície da torta; ele entregou-se por completo. E, quando também a cozinha se encheu de negro, tão logo a luz se desfez sobre o doce, ele desistiu de lutar. Decidiu colocar em prática sua resolução. Resolveu encurtar o caminho, pegando um atalho que certamente não o conduziria a situação mais infeliz do que sua vida.

Como se brincasse com a aura de alegria que circunda tal atitude, ele levantou a cabeça e propôs um brinde. Um tocar de taças invisíveis, em que tomou parte com aquele copo de boca larga e fundo grosso. Uma confraternização imaginária, da qual era o único integrante. Queria celebrar a alegria, menos pelo desejo de alcançar a felicidade do que pela inveja que sentia daqueles que já sabiam o que era ser feliz. De todas as suas vontades, naquele instante, ele não queria mais fugir.

Sustentando o copo acima da cabeça, encheu os pulmões para sentir pela última vez a sensação de estar vivo. Olhou fixamente para o líquido, sem se permitir sentir culpa nem remorso. Abriu um sorriso de satisfação. Num gesto rápido, brindou sua data consigo mesmo e, bebendo de um gole só todo o veneno que havia colocado dentro daquele copo, recebeu de braços abertos a morte com a qual há tanto tempo prometera se presentear.

# De lá

Eu me lembro muito bem, havia um gurricho vistoso, tratado a ovo e curios e sabiás que anunciavam a chegada do dia.

Com regência própria iniciavam mavioso concerto em surdina que com a entrada do sol misturava-se com o alarde geral dos passarinhos soltos e animais todos cumprimentando o seu rei.

E mais tarde, terminada a algazarra matinal, o sol espalhando-se por toda a extensão verde, provocando gostosa sonolência, ouvia-se o trilar melancólico e abrangente das cigarras, os grilos calorentos nas moitas rasteiras.

Tempo muito estimado também pela cascavel. A bicha enroscava-se debaixo das samambaias do campo, preguiçosa, até que lhe vinham tolher o sono, perigosa, inconsequente.

As águas correndo mansamente, incansáveis, também gostavam de se divertir, buscando pequenas cascatas, atirando-se de cima, majestosas, voltando para sua rotina depois. Nos poços das curvas elas por vezes se detinham e, folgazãs punham-se a rodar, discretas, porém. Às vezes vinham os moleques cor do sol brincar com elas e todo o ribeiro acorria para a festa no poço, até as piabinhas que ficavam roçando as pernas, fazendo cócegas.

Nas grotas verdolengas, água passando lá embaixo ou nas roças de milho, sobrevoavam as maritacas em bandos, fazendo perfeitas evoluções no ar, conversadeiras.

Nas roças de arroz, onde os pássaros-pretos faziam os ninhos no alto das macaúbas, os moleques pegavam muitos filhotes, cutucando os ninhos com varas de bambu. Criavam os pequeninos ainda implumes cobrindo-os com farrapos e dando-lhes angu para comer.

Crescidos, os passarinhos ficavam fazendo parte das criações da casa, soltos, mascotes.

Em lua cheia os homens saíam pelas chácaras de café, caçar tatus, os nhambus piando nos brejos.

Abaixo da casa e estendendo-se até a beira do córrego, o pomar, com um sem número de pés de frutas: goiabas, laranjas, jabuticabas, mangas, jambos e outras, que rodeavam ainda todo o terreno, esparsamente ou em grupos. Mais distanciados, um pé-de-ingá e um pé-de-jacatiá.

Enfeitando o quadro, um majestoso pé de ipê amarelo, com seu tronco branco, de cuja grimpa se podia avistar o vergel todo que dominava o vale. Na frente um pé-de-bogarim, o mais cheiroso que se possa imaginar, o tal jasmim branco e mais adiante um bambuzal verde-amarelo.

A erosão da chuva abria valetas que serviam para os meninos brincarem o esconde-esconde e onde mais de uma vez um bêbado foi bater.

Havia um grande pátio onde se secava o café, que no período de entre safra servia de campo de futebol ou para brincadeiras de roda, inventadas pelas meninas-moças faceiras, tímidas.

Uma vez ou outra, um baile que movimentava o pessoal de léguas ao redor. Um sanfoneiro tocava quase toda a noite, pitando seu cigarrinho, bebendo seu traguinho de pinga. As cândidas donzelas rodando qual piurras, passando pelas grossas mão dos meeiros, uma luz acesa nos olhos. Homens e mulheres casadoiros, todos estariam ali. A maioria daqueles homens se casaria com aquelas moças, viveriam ali e seus filhos brincariam naqueles terreiros, ouviriam os casos tradicionais, trabalhariam nas roças e se encontrariam num daqueles bailes. Passariam.

De repente uma estrela cadente riscava o céu.

“Participei em 2020 e em 2021 e achei muito interessante essa oportunidade que o Talentos nos dá de mostrar nossa arte para os colegas e de sair da rotina que não tem sido fácil, ainda mais agora com a pandemia. Nos dá ânimo de continuar participando e aprimorando nossos talentos.”

**Luiz Coelho dos Santos**

# O retrato de Catarina

Passei horas lendo Allan Poe no meu quarto, alcançando, sem perceber, a meia-noite; profunda e mística hora limite, reveladora e enigmática ao mesmo tempo. A escuridão da noite agora pertencia à madrugada, que agitava minha mente quando a atravessava insone. Dormindo, não era diferente, abria-se um canal sobrenatural que se manifestava em pesadelos sobre a ruína das almas e o destino de pessoas próximas. Eram profecias que eu tentava esquecer sem sucesso.

O dom das revelações privadas eu nunca, absolutamente nunca, contei a alguém. Não suportava essa responsabilidade, pois, fatalmente, o que me era revelado acabava se concretizando de uma forma ou de outra mais cedo ou mais tarde.

A caixa do remédio para a ansiedade ainda andava por ali. Eu nunca tinha ousado desobedecer à orientação de não beber e de fazer uso da droga, mas, naquela noite, a distração causou tal imprudência. Acredito que tenham sido três ou quatro doses de uísque. Já nem lembro mais. Foi na madrugada que experimentei uma confusão alucinante, graças a essa combinação nefasta.

Em casa, havia um quadro de minha avó Catarina ainda jovem, uma pintura anônima, pois não era assinada e não tinha data ou informações na parte de trás. A obra de arte foi motivo de inúmeras discussões na família. Acreditava-se na existência de um ex-amor, alguém por quem minha avó tivesse se apaixonado na juventude e de quem, supostamente, recordava ao admirar a obra. Meu avô Romário não conseguiu arrancar qualquer informação diferente daquela que minha avó repetia: um admirador, cujo nome ela não revelava, convenceu-a de que eternizaria sua juventude em um retrato. Ele cumpriu a promessa e não se ouviu mais falar dele. Era o que ela repetia como um mantra; era a verdade que conhecíamos.

Como a pintura era de muito bom gosto e de grande qualidade artística, permaneceu até pouco tempo no centro da sala de visitas de modo que a víamos ao entrar em casa. Já recentemente, Catarina guardou a recordação da juventude no escuro cômodo que ela chamava de quarto de acumulação. Não que ela fosse apegada a tudo, mas gostava de guardar suas antiguidades mais preciosas nesse lugar. Percebi que, desde então, ela passou a olhar pelo buraco da fechadura antes de entrar no dito quarto.

Dentre meus pesadelos, havia um que me atormentava por sua recorrência, deixando-me em estado depressivo. Tratava-se de um personagem sombrio que nunca abriu a boca para dizer nada, mas sua expressão de angústia era a de alguém sufocado pelo cárcere, sem consolo e consumido pelo arrependimento. Percebia-se nele

uma expressão curiosa, como se alguém o espiasse. Eu me sentia o carcereiro e o encarcerado ao mesmo tempo. Parecia que ele dependia de mim para se libertar.

Eu estava no terceiro piso e meu estado era deplorável. Essas memórias me levaram ao cômodo das coisas de minha avó, mas, diante da porta, estanquei. Lembrei-me do que considerava uma mania senil de minha avó e, mesmo me sentindo um perfeito idiota, inclinei-me para frente para espiar pela fechadura. Que insensatez! Eu não deveria ter visto nada, afinal tudo se encontrava na escuridão. Para meu terror, a imagem do homem encarcerado surgiu de forma muito clara, olhando para mim com o mesmo sentimento aterrador. Assustei-me e recuei. Já era tarde demais. Voltei a olhar, para me certificar da minha loucura. Não havia nada, mas a luz estava acessa realmente. Fiquei calmo, mas ainda inseguro.

Lentamente, girei a maçaneta e abri a porta. Nada fazia sentido; nem poderia. Nada de extraordinário havia no aposento ou qualquer ruído que denunciasse a presença de alguém. Só as coisas guardadas e bem-organizadas. O retrato da vovó Catarina estava logo ali na frente, transpirando juventude e olhando para mim. De fato, era sua juventude eternizada, uma obra de um grande pintor apaixonado.

Aproximei-me do objeto ainda sob a influência da visão do encarcerado. Aquela bela pintura, quando estava na entrada da casa, encantava a todos, mas o olhar daquela imagem agora me causava inquietação. Resolvi devolvê-la ao lugar de origem, a sala. Agarrei a moldura dourada e desloquei um pouco o objeto para segurá-lo com maior firmeza, esticando os dedos para a parte de trás, pressionando melhor na lateral.

A figura que apareceu logo atrás foi a do meu avô Romário. Era tão atual e, ao mesmo tempo, fazia igualmente parte do passado. Era como se fosse seu último retrato e senti um aperto perturbador no peito. A imagem retratava o estilo e organização do meu avô: na mesa apenas o livro, a caneta e um bloco de anotações, o corpo ereto, o cabelo sempre arrumado e a barba feita. A expressão dele, sentado na grande poltrona da biblioteca era séria e preocupada; parecia que olhava para algo atrás de mim. O mais inusitado é que o quadro estava assinado: Catarina. Minha avó mencionou que havia abandonado a arte por imposição do meu avô. Por que vovó Romário estaria eternizado ali? A pergunta ficou pairando no ar junto à fina poeira que se formou com o movimento dos objetos.

Firmemente, segurei o quadro, erguendo-o na altura da minha visão, o que me fez mirar nos olhos do retrato de Catarina

“Participar do Talentos FenaE 2021 foi muito especial para mim, visto que pude contar com a participação das minhas filhas, que também foram premiadas na categoria Artes Visuais/Desenho Infantil. Envolvi amigos, família e colegas da Caixa e tive a grande alegria de ver minha obra vencedora. O Talentos FenaE tem me feito acreditar que é possível, em tempos tão difíceis, produzir obras literárias de qualidade e compartilhar o que temos de melhor. É motivador e espero que muitos outros artistas participem do evento em 2022.”

**Jeremias Reis Comaru**

diretamente. Saí dali e comecei a descer a escada. Uma rápida náusea quase me derrubou. Parei e fechei os olhos. A visão angustiante do encarcerado surgiu na minha frente. Quando recobrei o equilíbrio, desapareceu. Quanta insanidade! Era como se o meu frequente pesadelo agora houvesse se transformado numa espécie de alucinação.

Tratei de encerrar o que havia começado. Coloquei o retrato da jovem Catarina no lugar original, ajustando-o em seguida. Sentei-me numa poltrona próxima e encostei a cabeça no respaldo macio, para admirar o retrato daquela linda mulher que foi minha avó.

A observação do quadro agora me remetia a outro tempo e a outro lugar. Não era bem uma aula de artes, embora o ambiente com vários cavaletes e paletas espalhadas por todos os cantos sugerisse isso. Mas ali havia um professor e uma aluna; profunda admiração e interesse de um lado, devoção e recato do outro.

— Desta forma, você será eterna — dizia o pintor enquanto dava o que pareciam ser as últimas pinceladas. — Veja a beleza que está por trás de cada detalhe. Por acaso, essa não é você? Isso é arte viva, minha querida.

Essas palavras mudaram a expressão da moça. Ela foi ao encontro do pintor, que se preparava para assinar a tela e finalizar sua obra. Porém, parecia que ela perdia as forças, que a vida lhe escapava a cada passo. Ao alcançar o artista, arrancou o pincel fino de sua mão, como se arrancasse a arma do fuzilador.

— Eu não quero ser imortal, Valentim — pronunciou cada palavra com força e pausadamente, tomando-lhe o pincel das mãos do pintor e tombando logo em seguida.

Como assim? Sempre soube que havia recebido aquele nome por influência de minha avó, mas escutá-lo naquele momento foi sinistro. Senti-me decisivo naquele embate. Mas por quê?

O pincel foi jogado longe e sumiu. O pintor transformou-se em uma criatura horrenda, formada de tinta negra que, pelo fluxo de duas espirais, diluiu-se e invadiu as pupilas dos olhos do retrato. A jovem pôs-se de pé e, só então, percebi que se tratava da minha avó Catarina, a mesma do quadro da sala. Um grito rasgou minha garganta.

Fixei o olhar na imagem do quadro. Eu estava na sala de casa. Que coisa absurda! O que antes encantava a todos, agora me parecia de inspiração perniciosa, maléfica. A implicância do meu avô fazia sentido agora.

Tive uma súbita vontade de olhar para trás, percebendo o perfume da colônia de minha avó. Antes que o fizesse, meu pescoço sentiu um leve toque de uma mão ossuda, de pele muito fina. Um vento frio e cortante invadiu a porta de entrada que, além de aberta, balançava com a corrente de ar.

— Assina, Valentim — suplicou minha avó, segurando um pincel muito fino e embebido por tinta preta. — Acaba com isso de uma vez por todas — sentenciou com um olhar tão implacável que não me dava escolha.

Atordoado, segurei o instrumento e me encaminhei ao retrato, para obedecer àquela imperiosa instrução. Imaginava-me condenado ao mesmo fim do pintor, totalmente absorvido pelo quadro.

Arrastado por uma força irresistível, eu assinei a pintura: “Valentim. 2019”. Mas não estávamos em 2018 ainda? Olhei para minha avó. Já não era a idosa com a qual eu convivia, mas sim a jovem que posara para o artista. Jatoss grossos de um negro líquido jorraram das pupilas da imagem do quadro e o pintor surgiu, deixando de ser a horrenda criatura formada de tinta.

Era o encarcerado dos meus pesadelos! Agora eu estava certo disso. Sem dizer palavra, mas agora respirando ares de liberdade, o pintor apenas movimentou a cabeça em diagonal, inclinando-se para a frente com elegância, demonstrando reverência e agradecimento. Então, tomou a mão de Catarina com delicadeza e ambos saíram pela porta da frente.

\*\*\*

Mal os primeiros raios de sol iluminaram as vidraças das janelas do meu quarto, escutei o ruído arrastado da poltrona da biblioteca e o aroma do café filtrado no coador de pano; conhecidos hábitos que se repediam todos os dias na casa dos meus avós e que me transmitiam normalidade.

Com uma incrível dor de cabeça, levantei-me e desci as escadas. Senti uma leve náusea e fechei os olhos. Quando abri, vi a sala iluminada. Tudo estava bem igual. A vida começava cedo ali e eu seria o retardatário do café-da-manhã.

Andar pela sala de um lado para o outro me ajudou a acordar de uma vez por todas, mas ainda estava desorientado, procurando outros motivos para acreditar que estava tudo no seu lugar. Sim, estava. Na mesa, apenas o suficiente para o meu desjejum. O bater dos pratos na cozinha revelava que minha avó já estava guardando parte da louça. Isso queria dizer que o resto do serviço seria meu e que meu avô estaria

lendo na biblioteca. Sim, ele estava vivo! Como assim? Por que não estaria? Admirei-me com meus pensamentos.

Na biblioteca, meu avô estava muito bem sentado em sua poltrona; o corpo ereto encosta-se com conforto. Na mesa, um livro de capa dura de uma edição especial de Dom Quixote, a caneta e um bloco de anotações. Trazia o cabelo arrumado, como sempre, e a barba feita. Parei na porta e fiquei observando, pois havia algo mais que peculiar naquela cena.

— Bom dia. Isso lá é hora de acordar?! — falou rindo, mal olhando para mim. Porém, sua expressão mudou e seu rosto agora estava sério e preocupado; parecia que olhava para algo atrás de mim.

De repente, senti um dedo frio e magricela nas minhas costas. Quando me virei minha avó estava bem atrás de mim com uma caneta e um cartão nas mãos.

— Olha só quem acordou! Assina, Valentim — pediu Catarina com seriedade, entregando o cartão e a caneta para mim. — Desde ontem que eu te peço. Eu tenho que mandar para sua mãe hoje, senão ela não recebe a tempo. — disse isso e percebeu que eu fiquei paralisado — Acaba com isso de uma vez por todas.

Claro que obedeci. Não hesitei em receber o cartão e escrever num cantinho “com amor”. Logo abaixo, assinei “Valentim. 2019” e lhe devolvi o cartão.

Minha avó pegou o cartão e percebeu o erro facilmente. Devolveu o cartão para que eu consertasse o erro, sem perder a chance de fazer uma chacota.

— Acho que ainda estamos em 2018, Valentim. Conserta isso. Não sei se no próximo ano eu vou estar viva para mandar cartão para tua mãe; teu avô muito menos — asseverou vovó e soltou uma sonora gargalhada.

Dei um jeito de transformar o nove em oito. Vovó ainda olhava com o olhar perdido, observando sem muita atenção aquelas bromas da esposa.

— Romário, ainda vou pintar um retrato seu com essa cara de preocupação — brincou Catarina, sabendo que esposo não tolerava a ideia.

Quando eu já havia desistido de entender aquilo, algo me chamou a atenção e me aproximei para ver melhor. Um vento frio soprou e a porta principal estava aberta. No chão da sala, jazia um pincel fino embebido de tinta preta.

## Mandacarú: Solidão agreste

Os mandacarus não servem  
de abrigo aos passarinhos:  
Não tem folhas nos seus galhos  
para a proteção dos ninhos,  
parecem com espantalhos  
perdidos pelos caminhos.

Crescem e vivem sozinhos,  
cumprindo uma triste sina:  
Não dão sombra pra quem passa,  
nem protegem da neblina,  
verdes esqueletos vivos  
na paisagem nordestina.

Vestem a mesma batina  
no inverno e no verão,  
sempre de braços abertos  
nos dando a nítida impressão  
de um crucifixo de espinhos  
no calvário do sertão.

Tão solitários estão  
apesar de serem tantos!  
Não sentem os pés dos pássaros,  
apenas ouvem seus cantos,  
talvez a reserva d'água  
seja acúmulo dos seus prantos.

Desprovidos de encantos,  
distantes da perfeição,  
carentes de companhia

são vítimas da solidão,  
braços erguidos pra o mundo  
ninguém segura sua mão!

Em qualquer tipo de chão  
ele cumpre o seu destino:  
Não se curva à tempestade,  
não se rende ao sol a pino,  
heroicamente resiste  
como qualquer nordestino.

Seja grande ou pequenino  
padece o mesmo desgosto:  
Seus espinhos, finas lanças,  
perfurando corpo e rosto,  
talvez por esse motivo  
seu coração fique exposto.

Nunca vai servir de encosto  
pra o descanso das gazelas;  
De palco para o concerto  
das sabiás amarelas,  
nem pros jumentos cansados  
coçarem suas costelas.

Perto de árvores mais belas  
ele só se martiriza:  
Não baila ao sabor do vento,  
não treme ao sopro da brisa,  
nem sente cócegas das unhas  
da lagartixa indecisa.

Seu corpo ninguém alisa,  
sua roupa ninguém veste,  
impávido, contemplativo,  
símbolo maior do Nordeste,  
resignado suporta  
toda a solidão agreste.

“Dois sentimentos  
afloraram em mim ao  
participar do Talentos  
Fenae: surpresa e  
alegria. Fiquei surpreso  
com o primeiro lugar,  
pela qualidade poética  
dos participantes. E  
uma alegria enorme  
com a conquista, pois  
uma poesia popular  
nordestina, com a mesma  
estrutura de métrica,  
rima e oração utilizada  
pelos poetas cantadores,  
os repentistas, foi a  
vencedora, dando mais  
visibilidade à arte do  
nosso Nordeste.”

**José Orlando Ayres**

## Sou... (filho do Piauí)

Sou a paisagem da foto  
Sou rebento desse chão  
sou a serra lá do fundo  
sou os raios que se vão  
Sou o campo devastado  
Sou o cheiro de queimado  
Sou o sol do meu sertão...

Sou o valente vaqueiro  
Sou a perneira, o gibão,  
Sou o eco do aboio  
Sou as pedras do grotão  
Sou a várzea descampada  
Sou a grota desaguada  
Sou a dura condição...

Sou a fome do meu gado  
Sou a seca que castiga  
Sou o forte sertanejo  
Sou a luta e a fadiga  
Sou a noite, a lua cheia,  
Sou a treva, o chão de areia,  
Sou valente e bom de briga...

Sou a força do roceiro  
Sou o tempo de verão  
Sou o canto da cigarra  
Sou a foíce, um bom facão  
Sou a “broca” de setembro  
Sou a chuva de dezembro  
Sou a fé na plantação...

Sou as nuvens do mormaço  
Sou o vento mais ameno  
Sou arado e sou semente  
Sou adubo sem veneno  
Sou caboclo cabra macho  
Sou a luz do próprio facho  
Sou assim desde pequeno...

Sou amante dos bons versos  
Sou a luz da lamparina  
Sou o bom cheira da terra  
Sou a boa cajuína  
Sou a poeira, sou pó  
Sou calor: b-r-ó bró,  
Sou filho de Teresina

Sou também bom nordestino  
Sou lastro de todo chão  
Sou da família Ferreira  
Sou as coisas do sertão  
Sou gente do Piauí  
Sou caju, manga e pequi  
Sou tudo que todos são...

Sou da terra, tenho nome,  
Sou poeta, sou daqui,  
Sou da roça e agregado  
Sou palmeira e buriti  
Sou pau d’arco, sua flor  
Sou criado do calor  
Sou filho do Piauí...

“A minha experiência como poeta, hoje, é bastante amadurecida e significativa em relação à Fenaé. Acho que já nasci poeta, pois, desde ainda muito criança já pensava, vivia e me expressava muito diferente dos meus pares, imbuído na arte de ver, sentir e expressar a vida e suas nuances. Ser poeta não é ser apenas diferente, mas, criativo, expressivo e convincente. Ser poeta é ser, sem saber que ser ou não ser, é ser como você é, simples assim.”

**David Ferreira da Silva**

## Como uma pedra

“Substantivo simples” hão de falar  
Começa em “P”, em “A” termina  
Não há muito que mostrar

Se acha fácil na natureza  
Difícil é um dia encontrar  
Pedra de grande riqueza  
Pois cansa muito procurar

Ao trivial causa espanto  
O que agora vou dizer  
Nesse poema então eu canto  
Um novo calhau, a conhecer

Brita, sabão, seixo ou pume  
Não se sinta abecípedo  
Se não conhece outro nome  
Rime pedra e paralelepípedo

Pedra dura em sua forma  
Muito fácil, vê quem quer  
Que não é nada preciosa  
E nem respeita o ser mulher

Pedra na água afunda  
Porque pedra nada não  
Se a jogam em alto mar  
Ela não vira tubarão  
Para voar também não serve

Pois asas pedra não tem  
E mesmo que a pose preserve  
Pedra inflada cai também

Pedras iguais, da mesma laia  
Há quem chame de “família”  
Desde asteca, inca ou maia  
Também se chama de “quadrilha”

Formação já vem de berço  
Discursando sobre a fé  
Se se esconde atrás do terço  
Pedregulho pedra é

Muita coisa dessa vida  
Nunca tem explicação  
Mas quero ver quem me explica  
Pedra ganhar eleição

Pois para sair tão bem na foto  
Uns gritam alto, em procissão  
Esses sabem: pedra ganha voto  
E vira presidente da Nação

Tal é a pedra sem respeito  
A quem falta lhe faz raiz  
E que menos tem direito  
De envergonhar o meu País  
Doença pedra não elimina

É só festa no cabaré  
Pois se pedra toma vacina  
Pedra vira jacaré

Se de remédio tanto falam  
Conjuga pedra o verbo “brigar”  
E em falsa esperança calam  
Deixando tantos outros sem ar

É tanta coisa a ser lida  
Sobre um mundo sem igual  
Se trombar com pedra na vida  
Não desanime ou sinta mal

Parece tudo a mesma raça  
A gente até se sente sozinho  
Mas todo o mal um dia passa  
Como tanta pedra no caminho

Já chegando ao finalmente  
Para o poema encerrar  
Com a última quadra em mente  
Mais quatro versos vou falar

Conte as estrofes, se me preza  
Foram dezoito, ó mãe gentil  
Porque dezessete ainda pesa  
Como uma pedra no Brasil!

“Fazer poesia é construir um caminho que nos leva a um mundo infinito de sensações. Em cada linha torta, em toda palavra carregada de sentimento, é se deixar levar pelo mar de emoções que brota no peito. Por isso, felicidade é o que me define - em verso e prosa - por chegar ao 3º lugar em Poesia na edição de 2021 do Talentos Fenaef.”

**Diego Ramon Valle Vital**

# Música

A música está no DNA do brasileiro e com o empregado Caixa não é diferente. Desde sua criação, o concurso musical é um dos mais concorridos e a qualidade das composições e interpretações surpreendem e encantam a cada ano. Com a pandemia não houve a tradicional grande final presencial em 2021, mas o evento online foi um sucesso de público e integração.



## Dualismos

Cresci ouvindo que tinha uma pedra no caminho;  
que onde há flor, há espinho; onde há linho, há  
desalinho...

Também vi que o passarinho voa e volta pro seu ninho;  
Quem quer amor dá carinho, quem dá carinho e amor,  
jamais viverá sozinho, não vive só, não sinhô!

Na noite chove e o sol nascerá logo em seguida,  
este é o curso da vida, um é contra o outro é pro;  
na chegada ou na partida a estrada é dividida,  
mas o destino é um só!

Vejam só, vejam só:  
tudo o que se multiplica  
um dia fica no pó... (Bis)



“A pandemia impediu o evento presencial e foi lamentável não estar junto dos colegas. Mas manter o concurso foi uma ideia fabulosa. Não perdeu o brilho do festival. E o mais interessante é que estou preparando um disco, cheio de parcerias com colegas do Talentos, com músicas feitas a distância. É uma alegria muito grande!”

**Raul Antônio Marques de Oliveira**



## Amar é um direito

Pra contar uma história de amor  
É preciso, de sorrisos, de um par  
Pois o mundo carece de amor  
Verdadeiro, por inteiro ao se dar

O amor sempre foi a receita  
Não tem contraindicação  
Quem o encontra se deleita  
Faz arder o coração

Não tem raça, cor ou sexo  
Não é só o côncavo e o convexo  
Se tem amor, tem a dor,  
O gozo e o prazer ao se entregar  
Sem razão ou preconceito  
Todo amor entre dois é perfeito  
Todo ser tem o direito de amar

“O concurso da Fenae e das Apcefs é uma excelente oportunidade para revelar os talentos da Caixa. Comecei na música cantando no coral da igreja e participando de alguns festivais. Ser premiado no concurso e representar a Apcef/RJ foi muito importante e já estou planejando minha participação no próximo ano.”

**Sebastião Luiz de Almeida Vargas**

## Ensaio sobre a cegueira

Quando não vi mais os sinais  
Os temporais chegaram assim  
Dentro de mim uma coisa não tem nome  
Quando eu não vi, mostrou-se exato quem sou eu

E esse breu se espalhou  
Sim, revelou outra nação  
Que só diz não, que nega e se carcome  
Quando eu não vi, mostrou-se exato quem sou eu

Um fariseu entre outros mais  
Feito animais, instinto e fome  
Que se consome em regras imorais  
Penso que cegamos pra fingir sermos iguais

Cantiga de cego  
Fustiga, arrenego  
Minto que também é cega a lei  
Intriga eu nego  
Castiga escorrego  
Em terra de cego não há rei



“O Talentos Fenae é uma iniciativa formidável. Ele permite mostrar nossos talentos artísticos, além de promover uma real interação entre os empregados Caixa. Fiquei muito feliz em participar.”

**Paulo Roberto  
Pereira de Araújo**



## **Cancion de las simples cosas**

Uno se despide insensiblemente de pequeñas cosas  
Lo mismo que un árbol  
Que en tiempo de otoño se queda sin hojas  
Al fin, la tristeza es la muerte lenta de las simples cosas  
Esas cosas simples que quedan doliendo en el corazón  
Uno vuelve siempre a los viejos sitios donde amó la vida  
Y entonces, comprende  
Cómo están de ausentes las cosas queridas  
Por eso, muchacho, no partas ahora soñando el regreso  
Que el amor es simple y a las cosas simples las devora el tiempo  
Demorate aquí  
En la luz mayor de este mediodía  
Donde encontrarás  
Con el pan al sol, la mesa tendida  
Por eso, muchacho, no partas ahora soñando el regreso  
Que el amor es simple y a las cosas simples las devora el tiempo  
Uno vuelve siempre a los viejos sitios donde amó la vida

“Considero o Talentos muito importante não só pela valorização da arte, principalmente nesse momento em que ela é tão atacada, mas pela oportunidade dada a pessoas tão talentosas dentro da Caixa. Continuar o evento durante a pandemia também foi muito significativo. Participo do festival desde 2018 e me sinto muito feliz e agradecida por esse prêmio”

**Laura Gabriela Lenzi**



## Resposta ao tempo

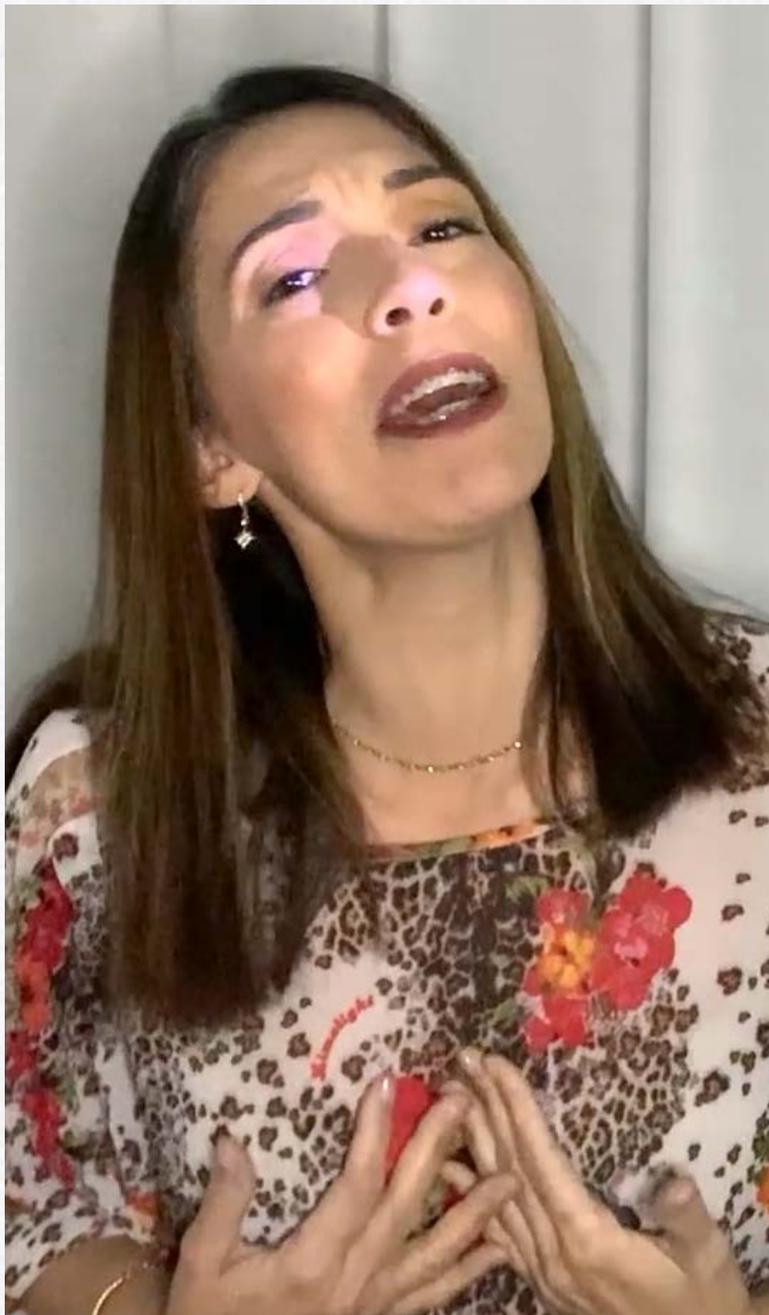
Batidas na porta da frente é o tempo  
Eu bebo um pouquinho pra ter argumento  
Mas fico sem jeito, calado, ele ri  
Ele zomba do quanto eu chorei  
Porque sabe passar e eu não sei

Um dia azul de verão, sinto o vento  
Há folhas no meu coração é o tempo  
Recordo um amor que perdi, ele ri  
Diz que somos iguais, se eu notei  
Pois não sabe ficar e eu também não sei  
E gira em volta de mim,  
Sussurra que apaga os caminhos  
Que amores terminam no escuro sozinhos

Respondo que ele aprisiona, eu liberto  
Que ele adormece as paixões, eu desperto  
E o tempo se rói com inveja de mim  
Me vigia querendo aprender  
Como eu morro de amor pra tentar reviver  
No fundo é uma eterna criança que não  
soube amadurecer  
Eu posso, ele não vai poder me esquecer  
No fundo é uma eterna criança que não  
soube amadurecer  
Eu posso, ele não vai poder me esquecer

“O Talentos Fenaé é um concurso de muita qualidade e de grande importância para mim. Quando ganhei o prêmio recebi mensagem de colegas que conheci em outros festivais. Também liguei para a cantora que venceu o concurso para dizer que fiquei honrado em ter sido segundo lugar, pois fiquei encantado com a interpretação dela. Nós, participantes, sempre ‘trocamos figurinhas’. A interação que o Talentos promove é sensacional”

**Bento Moreira de  
Rezende Filho**



## Ontem, ao luar

Ontem, ao luar  
Nós dois em plena solidão  
Tu me perguntaste  
O que era dor de uma paixão

Nada respondi  
Calmo assim fiquei  
Mas, fitando azul do azul do céu  
A lua azul eu te mostrei

Mostrando-a ti, dos olhos meus correr senti  
Uma névea lágrima e assim te respondi  
Fiquei a sorrir por ter o prazer  
De ver a lágrima nos olhos a sofrer

A dor da paixão não tem explicação  
Como definir o que só sei sentir?  
É mister sofrer para se saber  
O que no peito o coração não quer dizer

Pergunta ao luar travesso e tão tãful  
De noite a chorar, na onda toda azul  
Pergunta ao luar, do mar a canção  
Qual o mistério que há na dor de uma paixão

Se tu desejas saber o que é o amor  
Sentir o seu calor  
O amaríssimo travor do seu dulçor

Sobe o monte a beira-mar, ao luar  
Ouve a onda sobre a areia lacrimar

Ouve o silêncio  
A falar na solidão  
De um calado coração  
A penar, a derramar os prantos seus

Ouve o choro perenal  
A dor silente universal  
E a dor maior  
Que é a dor de Deus

Se tu queres mais  
Saber a fonte dos meus ais  
Põe o ouvido aqui, na rósea flor do coração  
Ouve a inquietação da merencória pulsação  
Busca saber qual a razão  
Porque ele vive assim tão triste a suspirar  
A palpitar em desesperação  
Na teima de amar, um insensível coração  
Que a ninguém dirá no peito ingrato em que ele está  
Mas que ao sepulcro, fatalmente o levará

“Em 2021 fiz minha sexta participação no Talentos. É sempre um prazer participar desse evento preparado com tanto zelo e eficiência pela FenaE, em parceria com as Apcefs. O Talentos tem me proporcionado grande aprendizado, experiências incríveis e a oportunidade de conhecer pessoas maravilhosas e talentosas. A FenaE se destaca na escolha dos lugares, dos profissionais e na organização.”

**Laura Gabriela Lenzi**

# Foto & Filme

Num mundo dominado por imagens, o concurso foto/filme do Talentos busca valorizar o olhar do empregado Caixa ao registrar momentos e imagens que encantem e façam refletir. Seja numa foto estática, seja numa ideia transformada em vídeo, as imagens nos levam a descobrir novos mundos e nuances, como as que apresentamos aqui nesse livro.





“A arte é fundamental para atenuar os efeitos devastadores dessa crise sanitária e política, que tem assolado o país. Como a arte nos alivia e nos acalma. É um prazer imenso produzir arte. Desde que comecei a participar do concurso tenho estudado mais sobre fotografia e música. É um processo de construção”.

**Ana Cláudia Araújo  
de Albuquerque**



“A foto foi tirada de maneira despretensiosa. Estava dentro do carro enquanto chovia, e percebi que as gotículas de água no vidro, juntamente com a imagem urbana de fora, criava uma bela fotografia. E assim que surgiu uma mulher com um guarda-chuva e segurando sacos de compras, tirei a foto. Por gostar de fotografia de rua, é sempre um prazer participar dos Talentos FenaE, e poder mostrar para nossos colegas que é possível tirar belas fotos no cenário urbano”.

**Rafael Ângelo Almeida**



“A torcida era muito grande para eu ficar entre os três primeiros colocados e foi maravilhoso, pela primeira vez, essa conquista na minha quarta participação. O concurso tem incentivado eu e muitos colegas a desenvolvermos nossas habilidades artísticas. É um grande desafio, porque passamos por uma avaliação técnica e a gente não tem muito tempo para se dedicar”.

**Renato Paes Barreto de Albuquerque**



**Sinopse:** É um documentário ou comédia? No melhor estilo “Não Olhe Para Cima”, o diretor Euber Melo nos convida a entrar em sua casa e refletir com boas risadas sobre a gestão da pandemia e o governo de uma criança mimada. Seria cômico se não fosse trágico!

“Em todas as modalidades nos deparamos com uma enorme variedade de temas, o que torna enriquecedora a experiência cultural. Em 2021, participei com a obra Qualquer Coincidência é Mera Semelhança. A inspiração para o filme surgiu da observação do cenário político e é um convite à reflexão da nossa história recente. É uma produção em família, que conta com a minha participação, da minha esposa Iara, e nossas filhas Liege e Iris”.

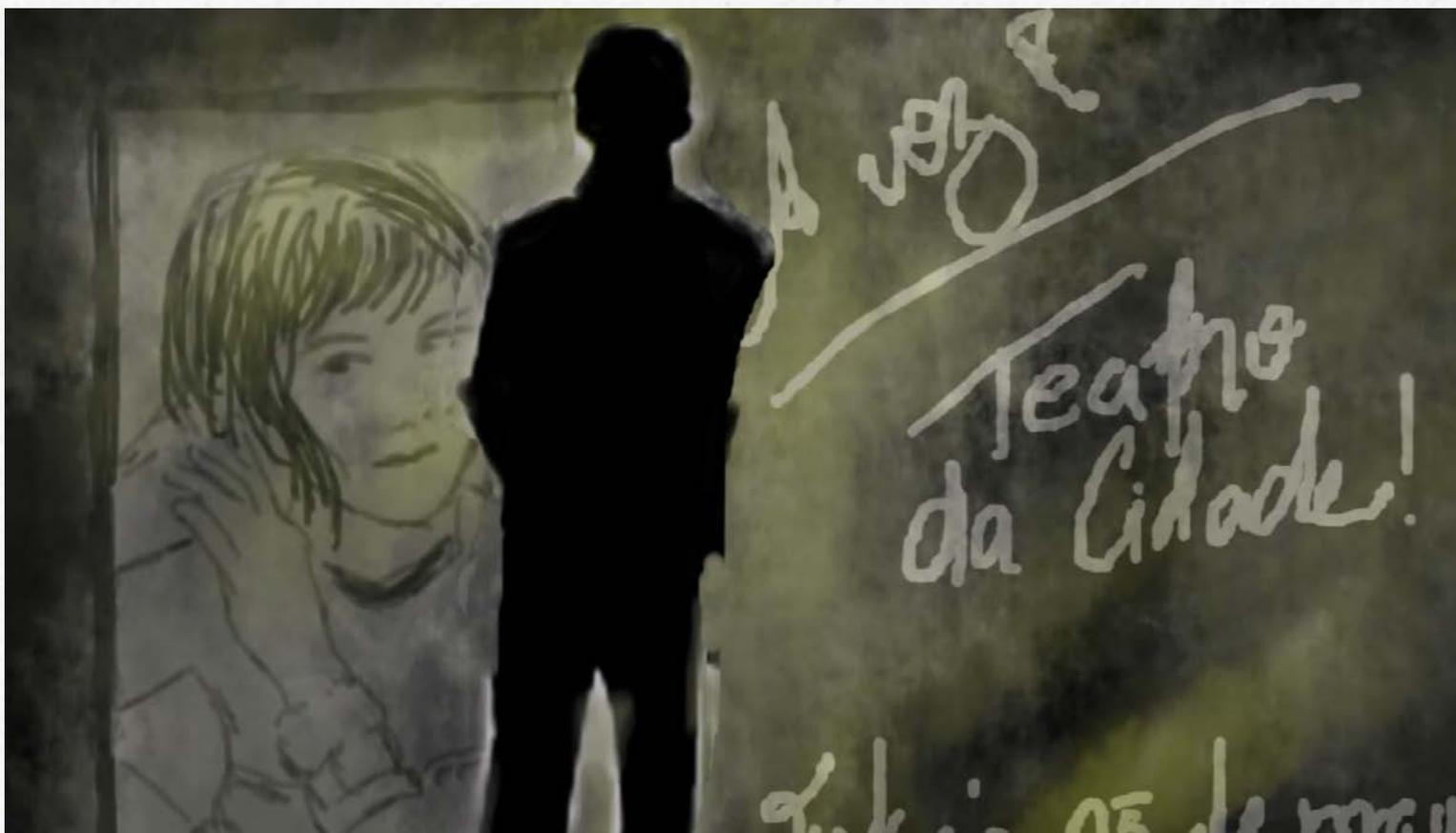
**Euber dos Santos Melo**



**Sinopse:** Montagem dinâmica e uma verdadeira aula sobre cultivar a sua própria comida. Harumi Kimura e seu filho Gabriel, na melhor pegada youtuber, ensinam e contam como fizeram uma horta dentro de casa e dão dicas para quem tem interesse em começar.

“Desde 2016 tenho o prazer de participar do Talentos FenaE, um concurso que permite estimular nossos dons artísticos, muitas vezes desconhecidos até o momento. Em 2021 o evento foi todo on-line devido à pandemia mas, mesmo assim, brilhou e nos mostrou que é possível se reinventar, sonhar e realizar”.

**Harumi Kimura Takahashi**



**Sinopse:** Atrás da Porta é um clássico composto por Chico Buarque que outrora ficou famoso na voz de Elis Regina e agora ganha também o talento e animação de Fernanda Pino. Romance, paixão e intensidade que, juntos da orquestra e a voz de Elis, beiram o noir.

“Participar do Talentos FENAE tem sido libertador, desafiador, revigorante, e, sobretudo, divertido! Como artista amadora, sou constantemente desmotivada pelo cotidiano. O Talentos me impulsiona a transformar minha realidade em arte, e, como bônus, ser reconhecida e ter a oportunidade de interagir e ter experiências de criatividade e conhecimento”.

**Fernanda Liz  
Pino de Jesus**



TALENTOS

AO VIVO



# TALENTOS



FENAE



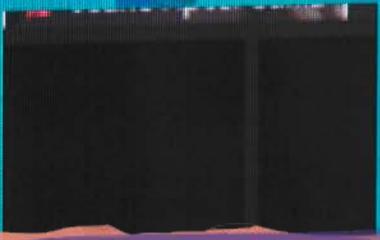
APCEF



FENAE



APCEF







CEEF



FENAE



APCEF



Mauro Sousa

Marcio Deflon

Milr

Marileda Souza

Mauro Sousa



Inez Galardinovic

Ana Albuquerque

Luciane Madrid Cesar

Inez Galardinovic

Jeremias

Magno -Apcef/ES

Lourdinha

Jeremias

Seba Vargas

Fabiana Brandão

Alexandre Gope

Seba Vargas

Luiz Coelho

Haton Kemy

Jeane Apcef Bahia

IVAN APCEF AMAZONAS

Luiz Coelho



m-01



o Souza

Marcio Deflon

Jorge C

Marileda Souza

Mauro S

na Madrid Cesar

Inez Galardineur

Dante Albuquerque

Eulissia L





Vanilda Souza  
Rodrigo  
Ozias Frez Bodorny  
Loriane Kruger  
Loriane Kruger

Silvani Santa Cruz do Sul  
Terezinha Zera  
Thiago Cesar de Oliveira  
Marise Pimenta de Paula  
Mario Defon  
Milton  
Glauber Paiva  
Magno Soares  
Iphone de Nizete  
Deborah Zamboni - RJ

DOBO STUDIOS  
Marilda Sousa  
Silvani Santa Cruz do Sul  
Terezinha Zera  
Thiago Cesar de Oliveira  
Mauro Souza  
Rodrigo  
Marise Pimenta de Paula  
Iphone de Nizete  
Jorge Castilho  
Ozias Frez Bodorny  
Milton  
Glauber Paiva  
Jeremias  
Loriane Kruger  
Iphone de Nizete  
Leuridinha  
Dabores Zamboni - RJ  
Alino Marques

DOBO STUDIOS  
Marilda Sousa  
Silvani Santa Cruz do Sul  
Terezinha Zera  
Thiago Cesar de Oliveira  
Mauro Souza  
Rodrigo  
Marise Pimenta de Paula  
Iphone de Nizete  
Jorge Castilho  
Ozias Frez Bodorny  
Milton  
Glauber Paiva  
Jeremias  
Loriane Kruger  
Iphone de Nizete  
Leuridinha  
Dabores Zamboni - RJ  
Alino Marques

DOBO STUDIOS  
Marilda Sousa  
Silvani Santa Cruz do Sul  
Terezinha Zera  
Thiago Cesar de Oliveira  
Mauro Souza  
Rodrigo  
Marise Pimenta de Paula  
Iphone de Nizete  
Jorge Castilho  
Ozias Frez Bodorny  
Milton  
Glauber Paiva  
Jeremias  
Loriane Kruger  
Iphone de Nizete  
Leuridinha  
Dabores Zamboni - RJ  
Alino Marques  
Ricimmar  
Luciane Ma

# FENIME



# TALENTOS 2021

✧ FENAE ✧ APCEF

ARTE  
QUE TRANSFORMA

